Características do Desenvolvimento Econômico

O interêsse pelos problemas do desenvolvimento econômico é o traço característico da era do após guerra. Na verdade, quer política quer intelectualmente, já é um lugar comum dizer que, desde a segunda guerra mundial, o mundo adquiriu uma "consciência-desenvolvimento". Sob o aspecto político, o problema da aceleração do crescimento econômico tornou-se objetivo supremo da política governamental dos países subdesenvolvidos. O mesmo acontece com inúmeras organizações internacionais criadas depois da guerra. Do ponto de vista intelectual, verificou-se u'a mudança muito importante na orientação do pensamento; os economistas têm, gradativamente, aprendido a considerar o desenvolvimento como um estado normal de coisas, e tendem a concentrar sua atenção mais sôbre os determinantes das taxas de crescimento do que sôbre os problemas tradicionais do equilíbrio econômico, isto é, os determinantes dos preços relativos. Por certo, os economistas nunca deixaram de acreditar no dinamismo universal e no progresso continuado do mundo. Mas a técnica do pensamento da teoria neoclássica — que dominou o cenário intelectual durante a segunda metade do século XIX, e que concentrava tôdas as atenções no equilíbrio entre a oferta e a procura em diferentes mercados —, tendia a obscurecer senão eliminar o tema do crescimento econômico como objeto de investigação analítica.

No decorrer dos últimos dez anos vem ocorrendo uma importante transformação. Parte substancial da teoria econômica identifica-se, de maneira patente, com os problemas do crescimento econômico, havendo mesmo inúmeras tentativas de criação de uma "teoria dinâmica", cujo fim primordial seria a demonstração de uma "taxa de equilíbrio" do crescimento econômico (em lugar de um sistema de equilíbrio de preços relativos), como uma função de várias fôrças econômicas. Ao nosso ver êste esfôrço teórico tem concorrido satisfatòriamente para esclarecer a natureza dos problemas mas, em relação aos objetivos visados, os resultados obtidos não devem ser exagerados. O resultado principal pode ser resumido na afirmativa de que tal trabalho revelou que uma taxa

estável de crescimento econômico envolve uma relação harmoniosa entre numerosos fatôres — harmonia essa que não se pode confiar surja como resultado da ação de fôrças econômicas ordinárias.

Nosso objetivo neste trabalho não é discutir nem criticar teorias, mas simplesmente tomá-las como ponto de partida, a fim de demonstrar até onde elas nos podem conduzir e até que ponto foram eficazes em esclarecer importantes questões. Gostaríamos de valer-nos das famosas "equações dinâmicas" originalmente apresentadas por Harrod (e subsequentemente por Domar), como ponto de partida. Estas equações sintetizam as fôrças relacionadas com o crescimento econômico, em têrmos de quatro variáveis: (I) — taxa de crescimento da população ativa em têrmos de percentagem anual (p); (II) — taxa de progresso técnico, medida segundo o aumento percentual anual do produto per capita (t); (III) — proporção poupada da renda da comunidade determinada com base na propensão do público a poupar, que - em primeira aproximação — é considerada como função linear da renda (s); e finalmente (IV) a relação capital-produto que determina o investimento necessário (em têrmos de produto anual) para aumentar a capacidade de produção e que é considerada como uma constante, para certo estado do conhecimento técnico (V).

Pensamos, que a posição de Harrod possa ser sintetizada pela proposição de que uma taxa estável de crescimento econômico encerra uma dualidade de condições: primeira, que o capital da comunidade, medido pela capacidade de produção, deveria crescer numa taxa idêntica à da produção; e segundo, a taxa de crescimento de ambos, capital e produção, não deve ser nem mais nem menos rápida que o da taxa de crescimento do potencial "efetivo" de mão-de-obra determinado pelas taxas do crescimento populacional e do progresso técnico (aumento de produtividade por indivíduo). Na linguagem de Harrod, a taxa específica de crescimento, que assegura a uniformidade nas taxas de crescimento do produto e do capital, é denominada "taxa de garantia" enquanto que a taxa de crescimento do potencial efetivo de mão-de-obra é chamada de "taxa natural". Em têrmos algébricos teremos as duas seguintes equações:

$$G_{w} = \frac{s}{v}$$

$$G_{n} = t + p$$

Uma taxa estável de crescimento verifica a igualdade $G_w = G_n$ e daí teremos:

$$\frac{s}{v} = t + p$$

É claro que, se esta condição não fôr satisfeita, o crescimento econômico não poderá continuar numa taxa uniforme resultando daí, o aumento do desemprêgo ou um excesso crescente de capital; em qualquer dos casos os elementos que concorrem para a expansão serão perturbados. O próprio Harrod considera a desigualdade entre G_w e G_n como sendo a chave da explicação dos movimentos cíclicos da economia. Conquanto isso possa ser verdadeiro - e não é nosso propósito penetrar aqui em problemas do ciclo econômico —, parece evidente que as economias de todo o mundo não se expandem a uma taxa uniforme de ano para ano e não estamos obrigados a considerá-las como se assim fôsse. Certa constância nas taxas de crescimento surge, entretanto, em relação a uma tendência de longo período, isto é, se as medimos, não na base da taxa efetiva de crescimento de ano para ano, mas em têrmos de u'a média móvel composta por um número satisfatório de anos. Com isto não queremos negar que, mesmo tomando-se períodos mais longos, essas taxas de tendência de crescimento não revelam tendências de aceleração ou desaceleração. Contudo, essas tendências não são muito acentuadas em relação às taxas de crescimento obtidas para algumas décadas, de modo que em têrmos de tendências de período longo ou mesmo de período médio, observa-se nas economias capitalistas uma estabilidade notável nas taxas de crescimento.

Podemos perfeitamente considerar a equação dinâmica em foco como uma equação de longo período e não como referente a um determinado ano, e, sob êsse aspecto, examinar até onde ela nos conduz no esclarecimento de nosso problema. Desde êste ponto de vista surgem duas indagações:

Primeira: serão essas quatro variáveis realmente independentes entre si ou existe algum mecanismo ajustador operando entre elas de forma a trazê-las dentro da relação necessária? O valor de determinada focalização teórica — ou de determinado "modêlo" econômico depende da possibilidade que êle tem de isolar as "variáveis independentes" em um problema. As quatro variáveis, $p, t, s \in v$, representam, apenas, um modo particular de sinte-

tizar a influência recíproca de várias fôrças econômicas; e, exatamente como soe acontecer com outras equações bem conhecidas (como a famosa equação da teoria quantitativa, MV = PT), o seu valor repousa inteiramente no poder de isolar aquelas grandezas mùtuamente invariantes. Do mesmo modo que a equação quantitativa perde o seu valor explicativo como teoria do nível de preços no momento em que se verifica que o volume da produção varia em função da procura efetiva, ou que as variações no suprimento de dinheiro (através dos seus efeitos sôbre as taxas de juros) causam variações opostas na procura de saldos monetários —, o valor explicativo de nossa equação dinâmica depende da máxima invariança das quatro variáveis.

Segunda, e talvez preocupação mais fundamental, é saber se devemos realmente nos contentar em considerar essas variáveis como resultado de fôrcas não econômicas, as quais em algumas comunidades alcançam grandes valores e em outras valores diminutos, sem que se possa dizer algo a respeito das causas que as fazem maiores ou menores. Se êste é o caso, nossa focalização teórica, na realidade, não nos leva muito longe na busca das respostas a importantes indagações. A questão mais importante a que o cientista social ou o economista é chamado a responder está em explicar porque têm ocorrido grandes diferenças nas taxas do crescimento econômico de diferentes comunidades. Como mostraram as investigações do Professor Kuznets as enormes diferendas na renda "per capita" em vários países do mundo fenômeno relevante do nosso século — são em grande parte o resultado dos desenvolvimentos dos últimos 200 anos. Certamente, essas diferenças entre a renda real "per capita" de comunidades ricas e pobres sempre existiram, mas, devem ter ocorrido em menores proporções. A relação de 40 para 1 (ou talvez 30 para 1) que caracterizam essas diferencas de rendas em casos extremos como entre os Estados Unidos e a Índia —, ou mesmo os 10 para 1 (ou 6 para 1) na comparação entre os americanos do norte e os latino-americanos, representam um fenômeno relativamente novo e devido, sobretudo, ao fato de os Estados Unidos da América e outros países desenvolvidos (especialmente Europa Ocidental) contarem nos últimos 100 ou 200 anos, com taxas de crescimento extraordinàriamente elevadas em relação às que prevaleceram nos quinze séculos anteriores ou em relação às taxas correspondentes das áreas subdesenvolvidas, que não participaram do mesmo desenvolvimento rápido. Podemos contentar-nos em dizer que essas amplas diferenças nas taxas de crescimento são devidas ou explicadas pelas diferenças nos valores de nossas variáveis, estando a busca das causas explicativas fora do nosso domínio? Se é êste o caso os economistas teriam muito pouco que oferecer para evidenciar os fatôres-chave que determinam taxas de crescimento mais altas ou mais baixas, ou para auxiliar o desenvolvimento do tipo de política governamental adequado para acelerar o crescimento.

Estes dois pontos são realmente inter-relacionados. Se as variáveis não são, de fato, independentes umas das outras, mas, respondem, de um modo ou de outro, ao crescimento econômico, então deve haver alguma inter-relação causal entre elas; e pela análise da natureza dessa ligação causal, seria possível desenvolver uma hipótese mais construtiva no tocante às causas do crescimento econômico. Em outras palavras, nossa equação dinâmica pode servir como base de uma hipótese mais construtiva, desde que possamos demonstrar que os valores de algumas variáveis ajustam-se irreversívelmente à magnitude de outras, e assim considerar uma ou mais variáveis como causais e outras como conseqüentes.

Mas, tão pronto se proceda a um exame nessa direção, uma dificuldade oposta se apresenta — e longe de reforçar o ponto de vista de que podem ser tratadas como variáveis independentes ou constantes evidencia-se que nenhuma delas pode invocar a qualidade de variável verdadeiramente independente (1).

Taxas elevadas de crescimento populacional e de progresso técnico (evidenciado pelo aumento de produtividade do trabalho) e coeficientes relativamente altos de poupança constituem característicos de sociedades de rápido crescimento; entretanto, em

⁽¹⁾ Deixamos de tomar conhecimento aqui do problema da determinação de v, a relação capital/produto, que está obviamente sujeita a modificações de certo grau sob influências econômicas, mas que já demonstrava um notável grau de constância no decurso do desenvolvimento capitalista. Assim, de acôrdo com as últimas estimativas, ela tendeu a aumentar ligeiramente nos Estados Unidos durante os 60 anos até 1900, baixando suavemente desde então, de sorte que seu índice atual não é muito diferente do que era há 100 anos atrás. Isto não quer dizer que a determinação de v não representa um problema complexo. Sob o ponto de vista dos tópicos agora discutidos, porém, estamos dispostos a assumir a posição de vários autores, considerando-a como um tipo de constante técnica. Desde que o progresso técnico seja neutro, isto é, que a produtividade "per capita" aumente no mesmo ritmo, nas indústrias produtoras de bens de produção, como nas consumidores de bens de capital, v tenderá a permanecer constante, uma vez que não se verifiquem grandes modificações na participação dos lucros na renda, e conseqüentemente, nas taxas de lucro gerado por unidade de capital.

nossa opinião, se se investiga o assunto mais de perto vê-se que as referidas taxas surgem mais na natureza das manifestações ou consequências do que como causas determinantes.

De início, devemos examinar o problema da relação entre crescimento populacional e progresso econômico. Como mostraram as investigações do Professor Kuznets os crescimentos populacional e econômico estão positivamente relacionados no sentido de que quanto mais elevado é o aumento percentual da produção. tanto maior tende a ser o aumento populacional; mas, existe também um tipo de relação defasada que indica que, pelo menos até certo ponto, quanto mais alta é a taxa percentual do crescimento da produção, maior a defasagem da taxa percentual de crescimento populacional. Isto reforça o tradicional ponto de vista Malthusiano, de que a população cresce em resposta ao crescimento da produção e também evidencia que acima de determinado ponto, essa resposta é de elasticidade menor que a unidade. Por mais rápida que seja a taxa de crescimento econômico, a do aumento populacional (no que tange aos fatôres naturais) raramente excede o limite de 2-3 por cento ao ano. Para taxas de crescimento econômico mais baixas, os valores dos aumentos de produção e de população tendem a ser mais ou menos os mesmos. Nos casos de taxas mais elevadas, o crescimento populacional tende a ser nitidamente menor. Isto certamente sugere que o aumento de população é um fator passivo, condicionado sem reversão, pela taxa de crescimento econômico.

Por vários motivos, julgamos igualmente difícil acreditar que a propensão a poupar da comunidade, isto é, sua parcimônia, tem a importante influência causal que a escola clássica lhe conferia. Existem vários argumentos contra esta teoria. Em primeiro lugar, as diferenças dos próprios coeficientes de poupança entre comunidades de alto e baixo crescimento são relativamente pequenas. Mesmo as comunidades de crescimento mais rápido não economizam mais, em determinado período médio de anos, do que 10 a 15 por cento de sua renda líquida. Se 15 por cento são poupados, há normalmente, o suficiente para garantir o crescimento da capacidade produtiva a uma taxa de 5 por cento ao ano ou mesmo mais. Por conseguinte, mesmo começando do nada, qualquer comunidade poderia acumular economias suficientes para beneficiar-se de taxas elevadas de crescimento, apenas adiando quaisquer aumentos de consumo por um limitado número de

anos. Em segundo lugar (e êste é um ponto mais importante), a patricipação da poupança na renda depende essencialmente de sua distribuição entre os lucros e os salários (ou entre capital e trabalho) que, em si, representam o resultado de fatôres econômicos. Lucros elevados significam elevadas poupanças, mas, os primeiros são, em si, o reflexo de altas taxas de investimento (2). É realmente o problema do "ôvo e da Galinha", saber o que vem primeiro: poupança, investimento ou crescimento. Estes são processos que ocorrem simultâneamente e nenhum dêles pode ser considerado como condição prévia de outro. Quando se dá a acumulação, dá-se também o crescimento, mas, é igualmente verdade afirmar que qualquer aumento de produção gera automàticamente lucros adicionais que são poupados e investidos.

Terceiro, não se pode asseverar, mesmo em se tratando das mais pobres comunidades, que a baixa produtividade imponha um limite absoluto à poupança em potêncial. Isto se evidencia pelo fato de que mesmo nos países tão pobres quanto a Índia, parte considerável da renda nacional reverte para um grupo limitado de propriedades que livremente economiza, investe ou esbanja numa vida luxuosa. É claro que o coeficiente de poupança de uma nação será muito diferente se o grosso da renda da propriedade beneficia os Marajás que a consomem de forma suntuária ou a entesouram sob forma de ouro e jóias, ou reverte para os indivíduos de mentalidade capitalista, que poupam a maior parte com o propósito de acumular uma fortuna ainda major. Mas, o que tudo isto mostra é que, níveis relativamente altos ou baixos de economias e investimentos não são o resultado de simples limitações físicas, senão da mentalidade das elites que, em tôdas as sociedades, absorvem considerável parte da renda nacional. É óbvio que as rendas da propriedade são preponderantemente gastas ou economizadas, em função da atitude daqueles que as controlam. Se os capitalistas desejam a expansão e para isso exigem-se grandes investimentos, sentem-se, por isso, induzidos a poupar parte considerável de suas rendas correntes. Em caso

⁽²⁾ A omissão dêste ponto é talvez a falha mais importante do raciocínio de Harrod. Suas taxas de crescimento "garantida" e "natural" são, apenas, independentes entre si enquanto s, percentagem média da renda poupada, possa ser considerado como invariante no que concerne à taxa do crescimento econômico. Mas, evidentemente pode não ser assim; se as taxas de crescimento forem altas ou baixas, investimentos, lucros e daí as poupanças, são automàticamente altas ou baixas como conseqüência.

contrário elas as gastam. Por conseguinte os dois tipos de decisão não podem ser considerados independentemente um do outro.

Finalmente, chegamos a um terceiro fator, o progresso técnico, que constitui, sem dúvida, a essência de nosso problema. As economias de rápido desenvolvimento são invariàvelmente aquelas que manifestam rápidas mutações técnicas — isto é, onde os métodos ou processos técnicos de produção estão sujeitos a continuada e relativamente rápida melhoria. Mas, o ponto que verdadeiramente nos diz respeito está em saber quais as causas primeiras das rápidas ou vagarosas modificações técnicas. O ponto de vista aceito por muitos historiadores é o de que o tremendo "boom" dos últimos 200 anos, conhecido como o crescimento do capitalismo moderno, resultou das numerosas invenções que ocorreram na Inglaterra do século XVIII, primeiro no campo da agricultura e posteriormente no da indústria. A extraordinária aceleração do crescimento decorreu, assim, de uma série de golpes de sorte e de idéias geniais, do nabo às fiandeiras de fusos múltiplos, e da produção de coque metalúrgico até a máquina a vapor. É claro que, sem êsses inventos, a revolução industrial não teria se concretizado. Intelectualmente, contudo, não satisfaz considerar que a ocorrência dessas descobertas constituam a causa fundamental dos processos que vimos testemunhando. O problema está, em poucas palavras, em saber se foram as invenções técnicas que criaram as emprêsas capitalistas ou se foram estas que originaram o progresso técnico.

O empreendedor capitalista que surgiu na Europa Ocidental depois do Renascimento, constituía uma espécie diferente do senhor feudal, do camponês ou do artesão que o precederam. O primeiro era um pesquisador, um inovador, um revolucionário, enquanto os últimos eram tradicionalistas. Quando a produção de uma comunidade passa ao contrôle de indivíduos ansiosos pela expansão, esta dar-se-á pelo simples fato de que a própria concentração de esforços a produzirá tanto sob forma de métodos aperfeiçoados como na de acumulação de capital. No sentido de ganhar mais dinheiro os produtores se apegam a todos os meios para conseguir resultados mais compensadores dos recursos existentes e, assim, aperfeiçoam a técnica; e êste aperfeiçoamento lhes possibilita a expansão de recursos através da acumulação. Dêste modo, o crescimento compreende tanto o progresso técnico como a acumulação, mas como ambos constituem processos que ocorrem

contínua e simultâneamente, a acumulação acelerada é, apenas, a manifestação de fôrças que contribuem para a expansão. Quando a produção est ásob contrôle de homens conservadores. nem o progresso técnico nem a acumulação se manifestam, e. em consequência, a ausência de ambos é apenas u'a manifestação da resistência geral a qualquer mudança. O camponês tradicional. por exemplo, é um perfeito escravo do hábito; possui uma arrajgada resistência psicológica a fazer as coisas de modo diferente ao que seu avô, seu pai e êle próprio estavam habituados. Há uma verdadeira couraça de instintos primitivos, tabus e superstições contra o abandono de rotinas estabelecidas, como o demonstram as grandes dificuldades encontradas em numerosos países subdesenvolvidos para adaptar os trabalhadores rurais a métodos mais racionais de produção. Mas, os homens sentem a necessidade oposta, de inovar, experimentar e revolucionar. Desde que haja qualquer tensão ou revolução social que faca com que certo grupo ou classe social deseje modificar sua condição social desafiando assim a posição de uma elite tradicional, a resistência normal a u'a mudança pode ser superada dando origem a um novo espírito. Assim, a mesma era que assistiu ao descobrimento da América fêz brotar a classe dos empreendedores e o fenômeno conhecido como a emprêsa capitalista. Max Weber atribuiu grande importância à Reforma, uma vez que o Protestantismo imprimiu uma atitude inteiramente nova à arte de ganhar dinheiro, e ao comportamento do indivíduo perante a autoridade. Há muitas considerações que apoiam seu ponto de vista. Não há dúvida que o aparecimento dos processos capitalistas de produção — a substituição de uma produção realizada por unidades familiares pela produção da emprêsa que visa lucros, onde o capital e trabalho se dissociam e a tarefa é feita principalmente pelo braço alugado — foi um fenômeno sociológico que precedeu històricamente o invento da maquinaria moderna e o sistema fabril. A emprêsa capitalista na indstria têxtil inglêsa, por exemplo, foi iniciada por empreendedores que adquiriam a matéria-prima e a entregavam sob contrato à manipulação de famílias de artífices, muito antes que o trabalho alugado e a maquinaria fôssem colocados sob o mesmo teto no sistema fabril. Pouca dúvida pode existir sôbre o fato de que as numerosas invenções que possibilitaram a utilização de métodos de produção em grande escala tenham surgido como resposta às pressões sociais, e não inversamente.

Parece-nos, portanto, que devemos procurar as causas primeiras das grandes ou pequenas taxas de crescimento, na mentalidade daqueles que dirigem a produção. Desta maneira todo o processo é de auto-geração. O progresso técnico, a acumulação de capital e o crescimento demográfico são, todos êles, acelerados mais ou menos simultâneamente e impelidos pela mesma fôrça. Nenhum pode ser considerado como fator causal decisivo. A humanidade pode mover-se por fôrça própria desde que assim o deseje.

O ensinamento de tudo isto para uma política econômica está em que o requisito básico de um crescimento acelerado reside na obtenção do tipo adequado de homem para dirigir a produção - conseguir, em outras palavras, a espécie adequada de elite social e garantir a sua livre circulação que, em longo período pode, por si só, evitar um processo de degenerescência. Permitimonos aqui discordar do que julgamos ser o ponto de vista marxista. segundo o qual a principal fôrça impulsionadora do progresso humano é a soma e crescimento do conhecimento humano que avança através de um processo impessoal, simplesmente com o correr do tempo: e que é êsse mesmo aumento de conhecimento que determina os métodos ótimos de produção em qualquer época, e êstes, por sua vez, determinam as relações sociais específicas que lhes são apropriadas. De acôrdo com êsse ponto de vista, a emprêsa familiar cedeu lugar ao empreendimento capitalista tão sòmente porque o aumento de conhecimento tornou a producão em grande escala relativamente mais lucrativa e o aparecimento da classe de empreendedores capitalistas foi simples consequência da emergência dessas técnicas de produção em grande escala. De nossa parte, preferimos inverter a següência e afirmar que a aceleração das invenções e inovações teria sido o efeito e não a causa da emprêsa capitalista; e ainda, que o surgimento desta deve ser atribuído mais a fatôres sociológicos do que técnicos ou econômicos.

SUMMARY

In this conference the Author, by way of introduction, puts in evidence the important change that has taken place in the orientation of economic thinking after the Second World War. Thus, the economists gradually learned to regard economic growth as a normal state of affairs, and have tended to concentrate their attention on the determinants of the rates of growth rather than

on traditional problems of economic equilibrium, i. e, the determinants of relative prices. To the technique of neo-classical economic thinking, which concentrated attention on the equilibrium between supply and demand in the several markets, has succeeded the attempt to evolve something in the nature of a "dynamic theory" whose primary interest was to demonstrate an "equilibrium rate" of economic growth, as a function of the various economic forces. To the Author, the main result of this theoretical work may be summarized by saying that it has shown that a steady rate of economic growth involves a harmonious relationship between numerous factors — a harmony which cannot be relied on to emerge as a result of the operation of ordinary economic forces.

Availing himself of the "dynamic equations" he summarizes Harrod's own position in the following proposition: (a) the capital equipment of the community, as measured by output capacity, should increase at the same rate as production; (b) the rate of growth of both production and capital should be neither faster nor slower than the rate of growth of the effective labour potential as determined by the rate of population increase and the rate of technical progress (i. e. the increase in productivity per head).

Kaldor emphasizes next the evidence that the economies of the world do not grow at a steady rate year by year and we are not obliged to regard them as if they did. A certain constancy in rates of economic growth does, however, appear to exist in relation to a long-run trend but this does not imply in denying that, taking even longer periods, these trend rates of growth do not show tendencies of acceleration or deceleration.

The Author proceeds to consider the dynamic equations (of the Harrod-Domar type) as applicable to long-run periods and asks whether those four variables are really independent of each other, or is there an adjustment mechanism operating between them which brings them into the required relationship. He asks, also, whether we must really be content with regarding these variables as the result of non-economic forces, which in some communities happen to have large values and in other communities to have small values, without being able to say anything about the forces which make them small or large.

To the Author, those two points are really interrelated. If the variables are not really independent of each other but respond in some manner or other to economic growth, then there must be some causal interrelation between them; and by analyzing the nature of this causal connection it should be possible to evolve a more constructive hypothesis concerning the causes of economic growth. In other words, our dynamic equation may serve as a basis for a constructive hypothesis provided we can show that the values of some of the variables adjust themselves to the magnitude of the others, and not vice-versa, so that we can regard some variable or variables as causal and others as consequential.

But, says Kaldor, as soon as an examination is made on these lines, the opposite kind of difficulty emerges — so far from supporting the view that they can be treated as independent variables or constants, it appears that none of them can claim the status of a true independent variable. High rates of population growths, high rates of technical progress (as evidenced by the rising productivity per man) and relatively high savings coefficients in the national income are all characteristics of rapidly-growing societies; but, in his opinion, if we investigate the matter closely they appear more in the nature of manifestations or consequences rather than of determining causes.

He examines the problem of the relation between population growth and economic growth and finds that the population increase is a passive factor which is conditioned by the rate of economic growth rather than the other way around. He also finds it difficult to believe that the savings propensity of the community — its thriftiness — has the important causal influence which the classical school believed it to possess. It is really a hen-and-egg question, which comes first: savings, investments or growth. These are processes which occur simultaneously over time and none of them can be regarded as a pre-condition of the other. When accumulation takes place, growth also takes place; but it is equally true to say that any growth in production automatically creates additional profits which are saved and invested.

Kaldor does not see an absolute limit imposed to potential saving by low productivity. He affirms, and this is one of the essential points of the conference, that relatively high or low levels of savings and investment are not the result of purely physical limitations, but of the mentality of the social elite which, in all societies, appropriates to itself a considerable share of the national income.

He moves on to discuss technical progress and demands, through reasoning based on history, whether technical inventions created capitalistic enterprise or whether capitalistic enterprise created technical progress. In this respect, his reasoning may be synthetized in the two following paragraphs:

"Whenever there is some social tension or a social revolution which makes some group or class of individuals wish to change their social status, and which challenges the position of a traditional elite, the normal resistance to change may be overcome and give rise to a different sort of spirit."

"It is certainly true that the emergence of capitalist methods of production... was a sociological phenomenon which historically preceded the invention of modern machinery and the factory system... There can be little doubt that the numerous inventions which made possible the use of large-scale methods of production appeared in response to social pressures and not the other way round."

Kaldor concludes that the ultimate causes of the great or small rates of growth rest on the mentality of those in charge of production. It is a self-generating process. Thus, technical progress, accumulation of capital and population growth are all accelerated more or less simultaneously and impelled by the same force. Consequently, none can be said to be a critical causal factor.

For the objectives of economic policy, the teachin of Kaldor's conclusion is that the basic requirement for accelerated growth is to get the right type of man in charge of production—to insure, in other words, the right kind of social elite, and to provide for free circulation of the elite which, in the long-run, can alone prevent a process of degeneration.

The Author concludes that accelerated invention and innovation was the consequence, and not the cause, of capitalistic enterprise; and that the emergence of the latter should be attributed to sociological rather than to technical or economic factors.

RESUMÉ

Dans cette conférence l'auteur, en guise d'introduction, met en évidence l'important changement constaté dans l'orientation de la pensée économique d'après guerre. Les économistes sont venus graduellement à considérer la croissance comme un état de chose normal et au lieu de centrer leur attention sur les problèmes traditionnels d'équilibre économique, ils se sont attachés aus causes déterminant les taux de croissance. A la technique de la théorie néo-classique — équilibre entre l'offre et la demande sur les différents marchés — a succédé l'identification de la théorie économique avec les problèmes de croissance et la tentative conséquente de création d'une "théorie dynamique". D'après l'auteur le principal résultat de cette transformation se synthétise dans l'idée qu'un taux stable d'accroissement nécessite une relation harmonieuse entre plusieurs facteurs; et on ne peut croire que cette harmonie soit le fruit de l'action des forces économiques ordinaires.

Par rapport aux "équations dynamiques" la position d'Harrod se résume selon Kaldor à la proposition suivante: un taux stable d'accroissement exige;

- a) un même rythme d'accroissement pour le capital et pour la production de la communauté.
- b) que les deux taux d'accroissement du capital et de la production s'identifient avec celui de l'accroissement "potentiel" effectif de la main d'oeuvre.

Kaldor fait ressortir ensuite l'évidence que, d'année an année, les économies ne s'accroissent pas de façon uniforme. Il est bien vrai qu'il y a une certaine tendance à la stabilisation des taux de croissance en période longue et en période moyenne, mais cela m'implique pas que, même en considérant de telles périodes, les taux ne révelent pas une tendance à l'accélération ou au ralentissement.

L'auteur considère l'équation dynamique (type Harrod-Domar) comme de période longue, et recherche si les quatre variables en cause sont ou ne sont pas effectivement indépendantes; il recherche aussi s'il suffit de considérer de telles variables comme un résultat de forces non économiques sans rechercher les causes qui déterminent leurs importances respectives.

Pour l'auteur ces deux points sont réellement liés entre eux; si les variables ne sont pas en fait indépendantes les unes des autres, mais correspondent d'une façon ou d'une autre à l'accroissement économique, il doit y avoir alors quelque relation de cause à effet entre elles. Par l'analyse de la nature de cette liaison causale, il serait possible de développer une hypothèse plus constructive relative aux causes de la croissance économique. En

d'autres termes, l'équation dynamique peut servir de base à une hypothèse plus constructive dès qu'on puisse démontrer que les valeurs de quelques variables s'adaptent de manière irréversible à l'importance des autres, et considérer ainsi une ou plusieures variables comme des causes et les autres comme des conséquences.

Mais dit Kaldor, aussi bref que soit un examen dans ce sens, une difficulté se présente et-loin de renforcer le point de vue suivant lequel ces variables peuvent être considérées comme indépendantes ou constantes — il met en évidence le fait qu'aucune d'elles ne peut s'attribuer la qualité de variable véritablement indépendante.

Des taux élevés d'accroissement de la population et de population et progrès technique (mis en évidence par l'augmentation de productivité du travail), et des coefficients relativement hauts d'épargne constituent des caractéristiques des sociétés à croissance rapide; néanmoins dans l'opinion de l'auteur si l'on étudie la question de près on s'aperçoit que les taux apparaissent plus dans la nature des manifestations que comme causes déterminantes.

Il examine encore le problème de la relation entre croissance de population et progrès économique, fondé sur les investigations de Kusnetz, et suggère que l'augmentation de la population est un facteur passif et irréversiblement conditionné par le taux d'accroissement économique.

Il analyse l'épargne comme un facteur causal de la croissance, diminuant l'importance que l'école classique lui conférait. Il insiste sur le fait que, épargne, investissement et accroissement sont des procédés simultanés, et aucun n'est condition préalable d'un autre puisque quand il y a accumulation il y a aussi accroissement, mais il est également vrai d'affirmer qu'une augmentation quelconque de l'épargne engendre automatiquement des bénéfices additionnels qui son économisés et investis.

Kaldor ne voit pas une limite absolue imposée à l'épargne partielle par une basse productivité. Il affirme, et ceci est un des points essentiels de la conférence que des niveaux relativement hauts ou bas d'épargne ne sont pas le résultat de simples limitations physiques, mais le résultat de la mentalité des élites qui, dans toutes les sociétés, absorbent une part considérable du revenu national.

Il passe ensuite au progrès technique et recherche à l'aide d'un raisonnement historiquement fondé à savoir si ce sont les inventions techniques qui ont crée l'entreprise capitaliste ou si c'est elle qui est à l'origine du progrès technique. A ce sujet sa théorie peut être synthétisée dans les deux paragraphes suivants:

Dès qu'il y a une tension quelconque ou une révolution sociale qui fait qu'un certain groupe, ou classe sociale désire modifier ses conditions, affrontant ainsi la position d'une élite traditionnelle, la résistance normale à une transformation peut être dominée donnant naissance à un esprit nouveau.

Il n'y a pas de doute que l'apparition du procédé capitaliste de production ait été un phénomène sociologique qui précède historiquement l'invention de la "machine" moderne et le système manufacturier. En d'autres termes, pour l'auteur, aucun doute ne doit exister sur le fait que les nombreuses inventions qui ont permis un emploi de méthodes de production à une grande échelle surgirent comme riposte aux pressions sociales.

Kaldor pense que les causes premières des hausses ou baisses du taux de croissance résident dans la mentalité de ceux qui dirigent la production. Il s'agit d'un processus d'auto-génération. Le progrès technique, l'accumulation de capital et l'accroissement démographique enregistrent des accélérations plus ou moins simultanées sous l'impulsion de la même force. En conséquence, aucun ne peut être considéré comme facteur causal décisif.

A des fins de politique économique, l'enseignement de la conclusion de Kaldor est que la condition de base d'une croissance accélérée réside dans un type adéquat d'élite sociale capable de diriger la production. Ayant la liberté d'action, c'est cette élite qui, sur une longue période, peut elle même éviter un processus de dégénérescense. En résumé, l'auteur conclut que les différences dans les taux de croissance dans les différentes économies doivent être attribuées plus à des facteurs sociologiques qu'à des facteurs techniques et économiques.